

ANÁLISE DO DISCURSO

AS DIFERENTES FACES UTILIZADAS NA CONSTRUÇÃO DE RAPS

Tatiana Aparecida Moreira (UFES)
taty-am@bol.com.br

INTRODUÇÃO

De uma maneira geral, *raps* caracterizam-se por trazerem, em suas letras, a insatisfação e a crítica sobre algum problema que atinge à sociedade como um todo ou, como no caso dos *raps* analisados neste trabalho, “Racistas Otários”, dos Racionais MCs, e “Lavagem Cerebral”, de Gabriel O Pensador, uma espécie de desabafo e repúdio ao problema do preconceito racial sofrido por muitas pessoas em pleno século XXI.

No *rap* “Racistas Otários”, dos Racionais MCs, cujo refrão é ‘Racistas otários nos deixem em paz’, há uma clara menção aos que têm preconceito, com um pedido, em forma de ordem, para que os discriminadores parem com tal prática. Em “Lavagem Cerebral”, de Gabriel O Pensador, também há o pedido para se fazer uma espécie de ‘lavagem cerebral’, pois, só assim, de acordo com o *rapper*, as pessoas se “libertariam” e não seriam mais discriminadoras.

Como se nota, nesses *raps* há a crítica à prática da discriminação racial e, conseqüentemente, tal desaprovação pode funcionar como violadora da face positiva dos indivíduos que fazem tal ato.

Assim, como será analisada a construção das diferentes faces nos dois *raps*, este trabalho utilizará, como suporte teórico, as noções de Goffman (1967) sobre atuação no meio social e a Teoria da Polidez, proposta por Brown e Levinson (1987).

Também serão expostas as concepções de gênero do discurso, encontrada em Koch (2003), e a do gênero canção, proposta por Costa (2003), por se estar analisando *raps*. Além disso, será feita uma pequena exposição da cultura *Hip Hop* a fim de que se entenda o contexto no qual os *raps* estão inseridos.

E para se verificar a construção das faces nos dois *raps* analisados, foram observados os atos que ameaçam às faces positiva e ne-

gativa dos falantes e dos ouvintes, bem como as estratégias de polidez positiva adotadas pelos falantes. Não se pretende, com este trabalho, definir como via de regra que, em outros *raps*, também coincidam os mesmos atos de ameaças às faces e as mesmas estratégias de polidez positiva, pois, como se sabe, cada enunciado é único e cada situação comunicativa tem seu contexto, não cabendo repetições e sim inovações, uma vez que o contato e a interação com o outro se renova a todo o momento.

CARACTERIZANDO A CULTURA HIP HOP

Antes de fazer uma pequena explanação sobre o movimento *Hip Hop* e como se trabalhará com o gênero canção (*raps*), serão apresentadas as definições de gênero do discurso, exposta em Koch, e a de gênero canção, de Costa.

A lingüista Ingedore Koch menciona que os gêneros do discurso estão diretamente relacionados às diferentes situações sociais. E, segundo Schneuwly, citado por Koch (2003, p. 55), “o gênero pode ser considerado como ferramenta, na medida em que um sujeito – o enunciator – age discursivamente numa situação definida – a ação – por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento semiótico – o gênero.”

Já o gênero canção, segundo Costa (2003, p. 59, grifo do autor), “é um gênero híbrido, de caráter **intersemiótico**, pois é o resultado de dois tipos de linguagens, a verbal e a musical (ritmo e melodia).” Esse gênero apresenta alguns subgêneros, como o *rap*, característico da cultura *Hip Hop*¹⁴.

O *Hip Hop* tem suas origens, na década de 60, em bairros periféricos dos Estados Unidos, como o Bronx, em um período em que a luta pelos direitos civis dos negros fortaleceu-se, com conseqüente valorização da cultura negra. O movimento *Hip Hop* teve como um de seus líderes o DJ Afrika Bambaataa que utilizava diferentes tipos de gravações para criar os *raps*. Esses sons eram desde James Brown

¹⁴ Esse termo significa: *hip* que quer dizer quadril e *hop*, salto, ou seja, saltar movendo os quadris.

ANÁLISE DO DISCURSO

(o mestre da *soul music*) até o som eletrônico da música “Trans-Europe Express” (da banda européia Kraftwerk), misturadas ao canto falado trazido pelo DJ jamaicano Kool Herc.

O movimento *Hip Hop* também é denominado de cultura e apresenta como elementos principais o *break*, o *graffiti*, o MC ou *rapper* e o DJ. O MC (mestre de cerimônia) ou *rapper* é a pessoa que canta e, geralmente, produz os *raps*¹⁵, estes contêm em suas letras muitos questionamentos e críticas à sociedade em geral. O *street dance* ou *break* é a dança, com muitos passos que surgiram em protesto à guerra do Vietnã e que imitavam os movimentos dos feridos nos combates, com coreografias “quebradas”, por isso o nome *break*. O *graffiti* representa a artes plásticas feitas pelos grafiteiros e o DJ é a pessoa responsável pelas mixagens dos sons.

No Brasil, essa cultura chegou por volta da década de 80, transformando o centro de São Paulo no principal pólo de *Hip Hop* do país. Atualmente, o movimento e seus elementos já estão presentes em outros estados, como Rio de Janeiro e Espírito Santo, só para citar alguns exemplos.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Neste tópico serão mencionadas as noções de Goffman (1967) sobre atuação do ser humano no meio social e um breve esboço da Teoria da Polidez, proposta por Brown e Levinson (1987), que ampliaram o que fora proposto por Goffman.

Goffman, em seus estudos, menciona que cada pessoa possui uma face, uma espécie de “máscara”, que é utilizada pelos indivíduos para serem aceitos socialmente, e, para tal, valem-se de alguns recursos, como observação dos gestos, dos olhares, dos posicionamentos dos interlocutores, entre outros, a fim de preservarem, não só a sua, mas também a face de seu parceiro.

Brown e Levinson (1987) no livro *Politeness some universals in language usage* estudam os princípios utilizados na construção da

¹⁵ Rap é a sigla de *rhythm and poetry* e significa ritmo e poesia.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

polidez na linguagem cotidiana. E, para tal, descrevem e esclarecem alguns paralelismos existentes na construção lingüística dos enunciados com que os povos se expressam em línguas e em culturas diferentes. Os estudiosos, a fim de comprovarem isso e de que é possível se ter universais de polidez, fazem a análise de três línguas e culturas diferentes, que são: o Tâmil do sul da Índia, o Tzeltal falado por índios Maias em Chiapas, no México, e o inglês dos EUA e o da Inglaterra. Os autores partem do pressuposto de que, mesmo em línguas e em culturas diferentes, encontram-se alguns princípios gerais (de cooperação, de preservação da face, de ameaça à face do outro, entre outros) que regem a interação social e, desse modo, o modelo de polidez fornecerá as ferramentas necessárias para analisar a qualidade de relações sociais em toda a sociedade.

Os dois teóricos mencionam que cada pessoa tem uma face positiva e uma negativa que representam, respectivamente, a “fachada” social e o “verdadeiro eu” de cada indivíduo. E como, em cada interação social, existem pelo menos dois participantes, tem-se, pelo menos, quatro faces, duas pertencentes ao falante (uma positiva e uma negativa) e outras duas relacionadas ao ouvinte (uma positiva e uma negativa).

E como tanto o falante quanto o ouvinte estão em interação a todo o momento, os atos produzidos por eles podem, de alguma maneira, ameaçar a face de um ou de outro. Esse ato de ameaça à face é denominado, por Brown e Levinson, de *Face Threatening Act* (FTA). Assim, pode-se fazer o ato indiretamente (off record), diretamente (on record) e de um modo mais direto ainda (bald on record), com o emprego de formas imperativas, por exemplo.

Desse modo, segundo os estudiosos, a fim de serem polidos e evitarem atos que ameacem ou quebrem suas faces, os falantes e os ouvintes usam diferentes recursos para preservarem suas faces tanto a positiva quanto a negativa. E também em *Politeness some universals in language usage*, Brown e Levinson descrevem e exemplificam as estratégias utilizadas pelos interlocutores nesse processo de manutenção de suas faces, além de abordarem os atos que ameaçam as faces positivas e negativas dos interlocutores.

ANÁLISE DO DISCURSO

Desse modo, como em cada situação conversacional há pelo menos dois interlocutores, os atos, que ameaçariam à face positiva e à negativa de ambos, podem ser assim distribuídos:

Atos que ameaçam o “território”, a face negativa, do ouvinte: ordens, pedidos, sugestões e conselhos não requeridos, ameaças, advertências, entre outros. Ou seja, tudo aquilo que o falante menciona com o objetivo de intimidar o “território” do outro, fazendo-o se sentir desconfortável e intimidado diante de determinada situação.

- Atos que ameaçam a “máscara”, a face positiva, do ouvinte: provocações, reclamações, críticas, discordância, entre outros. Ou seja, os atos mencionados pelo falante que provocam incômodos no ouvinte e o fazem se sentir ameaçado.

- Atos que ameaçam a face negativa, o “território”, do falante: aquilo que faz com que o falante sinta-se desestabilizado e seja levado a fazer algo em benefício de outrem, como prometer algo ao ouvinte e ter que cumprir.

- Atos que ameaçam a face positiva, “a fachada social”, do falante: pedir desculpas, assumir erros, entre outros. Ou seja, são atos que levam o falante ao desconforto por expor suas fragilidades e suas limitações.

As estratégias referentes à preservação da face positiva, tanto do falante quanto a do ouvinte, são as seguintes: Observe e preste atenção nos interesses, nos desejos e nas necessidades do outro; Exagere o interesse, a aprovação e a simpatia pelo outro; Intensifique o interesse pelo outro; Use marcas de identidade de grupo; Faça acordos; Evite desacordos; Pressuponha, declare pontos em comum; Faça brincadeiras/piadas; Explícite e pressuponha os conhecimentos sobre os desejos do outro; Ofereça, prometa; Seja otimista; Inclua o ouvinte na atividade; Dê ou peça razões, explicações; Assuma ou reivindique reciprocidade; Dê presentes.

Já as estratégias ligadas à face negativa dos dois interlocutores são: Seja convencionalmente indireto; Questione, seja evasivo; Seja pessimista; Minimizar a imposição; Mostre deferência; Peça desculpas; Impessoalize o falante e o ouvinte: evite os pronomes “eu” e “você”; Fazer o FTA como uma regra geral; Nominalize; Vá

diretamente como se estivesse assumindo a responsabilidade, ou como se não estivesse responsabilizando o ouvinte.

Ao passo que as estratégias indiretas (*off record*) são: Dê pistas para que a pessoa faça associações, pressuposições; Dê indícios para as associações; Pressuponha; Fale moderadamente; Exagere, aumente a importância; Use tautologias; Use contradições; Seja irônico; Use metáforas; Faça perguntas retóricas; Seja ambíguo; Seja vago; Generalize o máximo que puder; Desloque o ouvinte; Seja incompleto, use elipse.

Após a exposição de alguns pressupostos teóricos, passar-se-á a análise dos *raps* selecionados.

ANÁLISE DOS RAPS

Os *raps* “Lavagem Cerebral” (em anexo), do *rapper* Gabriel O Pensador, e “Racistas Otários” (em anexo), dos Racionais MCs, abordam questões referentes ao preconceito racial sofrido por muitas pessoas no Brasil. No caso de “Racistas Otários”, os *rappers* abordam o preconceito sofrido pelas pessoas pobres, geralmente as negras, residentes nas periferias dos grandes centros urbanos e o descaído diante de tal assunto não só das instituições governamentais, mas também da sociedade de um modo geral, demonstrando, por meio da letra, que eles também sofrem com esse preconceito. Já em “Lavagem Cerebral”, o *rapper*, embora critique e repudie a prática do racismo e do preconceito, diferentemente do primeiro *rap*, parece não ser vítima de preconceito, o que confere um maior distanciamento ao abordar o tema.

Nos *raps*, foram observados e serão apontados os atos que ameaçam as faces positiva e negativa do falante e dos ouvintes, bem como as estratégias de polidez positiva adotadas pelos falantes. Como os *raps* têm letras extensas, só serão mostrados alguns trechos nos quais ocorrem os atos de ameaça às faces e as estratégias de polidez positiva, uma vez que já foi explicado o contexto dos dois *raps*. Respectivamente serão analisados os *raps* “Racistas Otários”, dos Racionais MCs, e “Lavagem Cerebral”, de Gabriel O Pensador.

ANÁLISE DO DISCURSO

Racistas Otários

Em “Racistas Otários”, nota-se uma maior proximidade do falante para com o ouvinte, o que torna esse falante, às vezes, menos polido e mais ameaçador à face do outro, tanto a positiva quanto a negativa. O ouvinte, neste caso, não é a pessoa que ouve o *rap*, mas as pessoas que discriminam e as que sofrem discriminação. Assim, o pronome “eles” ora refere-se às pessoas que sofrem discriminação ora as que discriminam. O pronome “nós” é atribuído ao falante e às vezes a este e as outras pessoas que sofrem com o preconceito.

O *rap* tem como refrão “Racistas otários nos deixem em paz”. Nesse refrão, observa-se que há a quebra da face positiva do ouvinte (o discriminador), pois o falante de forma imperativa solicita que os “racistas otários” não o incomodem mais. Conseqüentemente o falante quebra a própria face positiva por quebrar a de seu parceiro na interação, mas, mesmo quebrando sua face positiva, o que prevalece é a preservação de sua face negativa, pois não permite que os outros (racistas) invadam a sua privacidade, ou seja, o seu “território”.

Nos trechos “Então eu digo meu rapaz/esteja constante ou abrirão o seu bolso/e jogarão um flagrante num presídio qualquer/será um irmão a mais”, há um ato de ameaça à face negativa do ouvinte, só que, nesse caso, este é a pessoa que sofre com a discriminação. Percebe-se que o falante dá um conselho ao “rapaz”, expondo a face negativa deste, uma vez que, com tal conselho, o falante pode fazer com que o ouvinte sinta-se incomodado com um conselho não solicitado. O ato de ameaça à face negativa do ouvinte parece ser minimizado quando o falante utiliza, como estratégia de polidez positiva, marcas de identidade de grupo, chamando-o de “irmão”, demonstrando que presta atenção e tem interesse pelo outro.

Em “E de repente o nosso espaço se transforma/Num verdadeiro inferno e reclamar direitos/De que forma?/Se somos meros cidadãos/E eles o sistema/E a nossa desinformação é o maior problema”, nota-se a exposição da face positiva do falante, uma vez que este se questiona, admitindo o que seria um possível erro de sua parte, representado principalmente pelo último verso. O falante, no entanto, através dos pronomes “nós” e “nosso”, inclui também o ouvinte (o discriminado) como co-participante da situação, minimizando o ato contra si, utilizando como estratégia de polidez positiva a declaração

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de pontos em comum com o ouvinte. Outros exemplos seriam os versos: “Como marionetes nós somos movidos”, “E hoje o que fazemos/Assistimos a tudo de braços cruzados/Até parece que nem somos nós os prejudicados”.

Nos versos “Porém direi para vocês irmãos/Nossos motivos para lutar ainda são os mesmos/O preconceito e desprezo ainda são iguais/Nós somos negros temos nossos direitos”, observa-se que o falante preserva a sua face positiva e também a de seu ouvinte, este está incluído na interação através dos pronomes “nós” e “nosso”. O falante protege sua face positiva e de seu parceiro na interação, utilizando, como estratégia de polidez positiva, a declaração de pontos em comum com o ouvinte, pois menciona que o problema da discriminação é algo sofrido por ambos, incluindo, dessa forma, o outro na atividade comunicativa. Também utiliza a estratégia de polidez positiva denominada de marcas de identidade de grupo ao se referir ao ouvinte como “irmão”, buscando ser solidário, diminuindo, assim, a distância social entre ambos.

Nos fragmentos “Os poderosos são covardes desleais / Espancam negros nas ruas por motivos banais”, o falante fala dos discriminadores (os “poderosos”) aos que sofrem com o preconceito. O falante usa a palavra “poderosos” de forma genérica, não se dirigindo diretamente aos que detêm o poder, como os governantes, uma vez que os “poderosos” poderiam ser, por meio do contexto, qualquer um que não “gosta de negros”. Pode-se perceber que há um ato de ameaça à face positiva do opressor, tendo em vista que o falante provoca os e os critica, chamando-os de desleais e mencionando que eles espancariam os negros, não se preocupando, portanto, em ser polido, visto que não parece ser essa a sua intenção, pois demonstra que está insatisfeito com a situação de opressão sofrida pelos negros.

Percebe-se que, na construção do *rap* “Racistas Otários”, há quebras de faces, atos que ameaçam às faces positivas e negativas do ouvinte e algumas estratégias de polidez positiva. A exposição e, conseqüente, ameaça à face do ouvinte discriminador acontece para mostrar a insatisfação do falante com a questão do preconceito sofrido por ele e por outras pessoas que estão também na mesma condição que a sua. Quando o falante expõe a face do ouvinte discriminado é com o objetivo de alertá-lo a fim de que saiba se defender do

ANÁLISE DO DISCURSO

opressor e lutar pelos seus direitos, por isso usa estratégias de polidez positiva a fim de incluí-lo na interação.

Lavagem Cerebral

Diferentemente de “Racistas Otários”, no *rap* “Lavagem Cerebral” não é abordada só a questão do preconceito contra o negro, há também menção à discriminação sofrida por outras pessoas, como os nordestinos. O falante não fala diretamente para o povo ou para a elite, menciona-os de forma indireta, utilizando um “você” generalizante a fim de preservar sua face positiva, sendo, portanto, mais polido, uma vez que aumenta a distância social em relação ao ouvinte. Quando utiliza a forma inclusiva “nós”, que ora refere-se só ao falante ora relaciona-se a este e ao seu parceiro no processo conversacional, o falante diminui a distância entre ambos. O ouvinte, neste *rap*, são as pessoas preconceituosas.

Nos trechos “Essa gente do Brasil é muita burra/E não enxerga um palmo à sua frente/Porque se fosse inteligente esse povo já teria agido de forma mais consciente/Eliminando da mente todo o preconceito/E não agindo com a burrice estampada no peito”, percebe-se que o falante critica o ouvinte, chamando-o de “burro”, ameaçando à face positiva deste. E embora o falante exponha sua face positiva ao ser contra as pessoas preconceituosas, consideradas por ele como “burras”, não chega a ameaçá-la, pois se declara contra o preconceito, fato que contribui para a preservação de sua face positiva.

Em outros versos do *rap*, também há atos de ameaça à face positiva dos ouvintes, uma vez que o falante critica diferentes segmentos da sociedade brasileira sobre o preconceito, como a “elite” e o povão, mostrando, uma vez mais, a inércia das pessoas diante de tal situação. Os seguintes trechos são exemplos desse ato de ameaça à face positiva dos ouvintes: “A ‘elite’ que devia dar um bom exemplo/É a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento” e “O povão vai como um bundão na onda do racismo e da discriminação/Não tem a união e não vê a solução da questão”.

Quando o falante utiliza um “nós” inclusivo, ele assume que também tem responsabilidade em resolver a questão sobre o preconceito, expondo sua face positiva, mas não chega a ameaçá-la, pois

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

propõe uma solução para o problema, atenuando, dessa forma, o ato de ameaça à sua face positiva. Ao incluir o outro na interação, o falante faz um ato de salvamento da face positiva de ambos, tendo em vista que uma possível resolução para se acabar com o preconceito seria algo que poderia ser feito pelos dois, enfatizando a proximidade entre ambos, utilizando como estratégia de polidez positiva a declaração de pontos em comum para com o ouvinte. Estes versos são exemplos do que foi mencionado: “Só precisamos de uma reformulação geral/Uma espécie de lavagem cerebral [...] Se não fosse o retrato da nossa ignorância/Transmitindo a discriminação desde a infância [...] Precisamos da lavagem cerebral pra acabar com esse lixo que é uma herança cultural”.

O falante quebra sua face positiva e também a do ouvinte, nestes versos: “Não seja um imbecil/Não seja um Paulo Francis/Não se importe com a origem ou a cor do seu semelhante [...] Faça uma lavagem cerebral [...] Tire a burrice do peito e me dê ouvidos”. Nota-se que, nesses versos, o falante, de forma imperativa, ordena que a audiência não seja preconceituosa, quebrando a própria face positiva ao quebrar a do ouvinte, chamando-o de “imbecil” e mencionando para não ser como o polêmico Paulo Francis, fazendo com que, dessa forma, a audiência fique constrangida diante de tal situação.

Nos versos finais do *rap*, há uma mescla entre estratégia de polidez positiva, com atos de ameaça e quebra de face positiva. O falante, inicialmente, busca proximidade com o ouvinte, chamando-o de “irmão”, a fim de conquistar a confiança deste para dizer o que realmente deseja, utilizando, desse modo, marcas de identidade de grupo, como estratégia de polidez positiva. A seguir, o falante dirigindo-se ao “povão” e a “elite”, ou seja, a sua audiência, ameaça e, às vezes, chega a quebrar a face positiva desta, pois, de forma incisiva, solicita que as pessoas façam “uma lavagem cerebral” e não sejam mais preconceituosas. Contudo, mesmo ameaçando e quebrando a face positiva dos ouvintes, o falante não quebra ou ameaça a sua face positiva, uma vez que se diz contra a discriminação sofrida, principalmente, pelos negros, mas também por outras pessoas, como os nordestinos. Os seguintes trechos comprovam isso: “Então eu digo meu irmão/Seja do povão ou da ‘elite’/Não participe/Pois como eu já disse racismo é burrice [...] E se você é mais um burro/Não me leve a mal/É hora de fazer uma lavagem cerebral/Mas isso é com-

ANÁLISE DO DISCURSO

promisso seu/ Eu não vou me meter/Quem vai lavar a sua mente não sou eu/É você”.

Como se nota, na construção do *rap* “Lavagem Cerebral”, o falante utiliza diferentes recursos para mostrar que é contra o preconceito racial, predominando, assim, os atos de ameaça à face positiva do ouvinte, uma vez que o falante critica e repudia tal atitude praticada pela audiência. E quando o falante faz um meio-termo ao utilizar o “nós” inclusivo, embora exponha sua face positiva, ele não chega a ameaçá-la, pois compartilha com a audiência uma possível solução para o problema do preconceito, utilizando a declaração de pontos em comum, como estratégia de polidez positiva. Nota-se dessa forma, que o falante tenta, a todo o momento, preservar sua face positiva, embora, às vezes, exponha, ameace e a quebre. Contudo, percebe-se que o falante faz tudo isso com o intuito de manifestar sua insatisfação e indignação diante de um fato que considera vergonhoso.

CONCLUSÃO

Como pôde ser notado, no *rap* “Racistas Otários” predominaram os atos que ameaçavam às faces positivas e negativas do ouvinte com consequente exposição da face positiva do falante. Em “Lavagem Cerebral” predomina a preservação da face positiva do falante. Nota-se que a diferença entre ambos está no fato de o falante do primeiro *rap*, por também sofrer com a discriminação, ter atitudes mais incisivas ao abordar a questão que o falante do segundo *rap*, que parece não sofrer com o preconceito.

Assim, nos dois *raps*, cada falante, a sua maneira e com o objetivo de falar sobre o preconceito racial, vale-se da palavra cantada para demonstrar a sua insatisfação diante de tal assunto, às vezes de forma mais categórica, outras de forma mais atenuada. Mas, mais do que preservar ou ameaçar faces, o que se nota é o desejo de ambos os falantes de que não haja mais discriminação, uma vez que não é a cor da pele ou as características físicas das pessoas que vão fazê-las diferentes e sim o que elas realmente são, ou seja, com os seus valores.

E, como menciona o *rapper* Gabriel o Pensador, é preciso fazer uma lavagem cerebral, pois, quem sabe assim, as pessoas tenham

seus direitos preservados e não precisem mais lutar para garantirem a observância da lei para que em vez de “o preconceito e o desprezo ainda são iguais” falem o preconceito e o desprezo não existem mais.

Como já foi mencionado, este trabalho não tem a pretensão de que em outros *raps* aconteçam os mesmos atos de ameaça às faces positiva e negativa e as mesmas estratégias de polidez positiva, uma vez que a exposição e a conseqüente ameaça às faces positiva e negativa dos parceiros na interação verbal é uma constante, bem como o desejo de ambos em preservá-las, pois, como se sabe, cada um precisa, para ser aceito socialmente, utilizar diferentes estratégias que preservem suas faces, tanto a positiva quanto a negativa, mesmo que a maioria das pessoas desconheça as concepções de face positiva e face negativa, assim como as estratégias de polidez propostas por Brown e Levinson.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness some universals in language usage*. London: Cambridge, 1987, p. 91-129.

COSTA, Nelson Barros. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M.A. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 107-121.

CUNHA JR., Henrique. Ver vendo, versando sem verso, escrevendo e se inscrevendo no Hip Hop. *Espaço Acadêmico* [online], n. 31, dez. 2003. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br>. Acesso em 04 dez. 2004.

GOFFMAN, Erving. *Interactional Ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Books, 1967.

———. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. *O livro vermelho do hip hop*. São Paulo, USP, 1997. Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao De-

ANÁLISE DO DISCURSO

partamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Disponível em http://www.realhiphop.com.br/mcr/textos/Libro_Vermelho.rtf. Acesso em 23 abr. 2005.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. Griots, cantadores e rappers: do fundamento do verbo às performances da palavra. In: DUARTE, Zileide (org.). *Áfricas de África*. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras/UFPE, 2005, p. 9-40.

ANEXOS

Racistas Otários

Composição: Mano Brown

Racistas otários nos deixem em paz
Pois as famílias pobres não agüentam mais
Pois todos sabem e elas temem
A indiferença por gente carente que se tem
E eles vêem
Por toda autoridade o preconceito eterno
E de repente o nosso espaço se transforma
Num verdadeiro inferno e reclamar direitos
De que forma?
Se somos meros cidadãos
E eles o sistema
E a nossa desinformação é o maior problema
Mas mesmo assim enfim
Queremos ser iguais
Racistas otários nos deixem em paz

Racistas otários nos deixem em paz

Justiça
Em nome disse eles são pagos
Mas a noção que se tem
É limitada e eu sei
Que a lei
É implacável com os oprimidos
Tornam bandidos os que eram pessoas de bem
Pois já é tão claro que é mais fácil dizer
Que eles são os certos e o culpado é você
Se existe ou não a culpa
Ninguém se preocupa
Pois em todo caso haverá sempre uma desculpa

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O abuso é demais
Pra eles tanto faz
Não passará de simples fotos nos jornais
Pois gente negra e carente
Não muito influente
E pouco freqüente nas colunas sociais
Então eu digo meu rapaz
Esteja constante ou abrirão o seu bolso
E jogarão um flagrante num presídio qualquer
Será um irmão a mais
Racistas otários nos deixem em paz

Racistas otários nos deixem em paz

Então a velha história outra vez se repete
Por um sistema falido
Como marionetes nós somos movidos
E há muito tempo tem sido assim
Nos empurram à incerteza e ao crime enfim
Porque aí sim certamente estão se preparando
Com carros e armas nos esperando
E os poderosos me seguram observando
O rotineiro Holocausto urbano
O sistema é racista cruel
Levam cada vez mais
Irmãos aos bancos dos réus
Os sociólogos preferem ser imparciais
E dizem ser financeiro o nosso dilema
Mas se analisarmos bem mais você descobre
Que negro e branco pobre se parecem
Mas não são iguais
Crianças vão nascendo
Em condições bem precárias
Se desenvolvendo sem a paz necessária
São filhos de pais sofridos
E por esse mesmo motivo
Nível de informação é um tanto reduzido
Não...
É um absurdo
São pessoas assim que se fodem com tudo
E que no dia a dia vive tensa e insegura
E sofre as covardias humilhações torturas
A conclusão é sua...KL Jay
Se julgam homens da lei/Mas a respeito não sei

Porém direi para vocês irmãos
Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos
O preconceito e desprezo ainda são iguais
Nós somos negros também temos nossos ideais

ANÁLISE DO DISCURSO

Racistas otários nos deixem em paz

Racistas otários nos deixem em paz

Os poderosos são covardes desleais
Espancam negros nas ruas por motivos banais
E nossos ancestrais
Por igualdade lutaram
Se rebelaram morreram
E hoje o que fazemos
Assistimos a tudo de braços cruzados
Até parece que nem somos nós os prejudicados
Enquanto você sossegado foge da questão
Eles circulam na rua com uma descrição
Que é parecida com a sua
Cabelo cor e feição
Será que eles vêem em nós um marginal padrão
50 anos agora se completam
Da lei anti-racismo na constituição
Infalível na teoria
Inútil no dia a dia
Então que fodam-se eles com sua demagogia
No meu país o preconceito é eficaz
Te cumprimentam na frente
E te dão um tiro por trás

"O Brasil é um país de clima tropical
Onde as raças se misturam naturalmente
E não há preconceito racial. Ha,Ha....."

Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos
O preconceito e o desprezo ainda são iguais
Nós somos negros também temos nossos ideais

Racistas otários nos deixem em paz...

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Lavagem Cerebral

Composição: Gabriel O Pensador

Racismo preconceito e discriminação em geral
É uma burrice coletiva sem explicação
Afinal que justificativa você me dá para um povo que precisa de união
Mas demonstra claramente
Infelizmente
Preconceitos mil
De naturezas diferentes
Mostrando que essa gente
Essa gente do Brasil é muito burra
E não enxerga um palmo à sua frente
Porque se fosse inteligente esse povo já teria agido de forma mais consciente
Eliminando da mente todo o preconceito
E não agindo com a burrice estampada no peito
A "elite" que devia dar um bom exemplo
É a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento
Num complexo de superioridade infantil
Ou justificando um sistema de relação servil
E o povão vai como um bundão na onda do racismo e da discriminação
Não tem a união e não vê a solução da questão
Que por incrível que pareça está em nossas mãos
Só precisamos de uma reformulação geral
Uma espécie de lavagem cerebral

Não seja um imbecil
Não seja um Paulo Francis
Não se importe com a origem ou a cor do seu semelhante
O quê que importa se ele é nordestino e você não?
O quê que importa se ele é preto e você é branco?
Aliás branco no Brasil é difícil porque no Brasil somos todos mestiços
Se você discorda então olhe pra trás
Olhe a nossa história
Os nossos ancestrais
O Brasil colonial não era igual a Portugal
A raiz do meu país era multirracial
Tinha índio, branco, amarelo, preto
Nascemos da mistura então porque o preconceito?
Barrigas cresceram
O tempo passou...
Nasceram os brasileiros cada um com a sua cor
Uns com a pele clara outros mais escura
Mas todos viemos da mesma mistura
Então presta atenção nessa sua babaquice
Pois como eu já disse racismo é burrice
Dê a ignorância um ponto final:

ANÁLISE DO DISCURSO

Faça uma lavagem cerebral

Negro e nordestino constroem seu chão
Trabalhador da construção civil conhecido como peão
No Brasil o mesmo negro que constrói o seu apartamento ou que lava o
chão de uma delegacia
É revistado e humilhado por um guarda nojento que ainda recebe o salário
e o pão de cada dia graças ao negro ao nordestino e a todos nós
Pagamos homens que pensam que ser humilhado não dói
O preconceito é uma coisa sem sentido
Tire a burrice do peito e me dê ouvidos
Me responda se você discriminaria
Um sujeito com a cara do PC Farias
Não você não faria isso não...
Você aprendeu que o preto é ladrão
Muitos negros roubam mas muitos são roubados
E cuidado com esse branco aí parado do seu lado
Porque se ele passa fome
Sabe como é:
Ele rouba e mata um homem
Seja você ou seja o Pelé
Você e o Pelé morreriam igual
Então que morra o preconceito e viva a união racial
Quero ver essa música você aprender e fazer
A lavagem cerebral

O racismo é burrice mas o mais burro não é o racista
É o que pensa que o racismo não existe
O pior cego é o que não quer ver
E o racismo está dentro de você
Porque o racista na verdade é um tremendo babaca
Que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca
E desde sempre não para pra pensar
Nos conceitos que a sociedade insiste em lhe ensinar
E de pai pra filho o racismo passa
Em forma de piadas que teriam bem mais graça
Se não fossem o retrato da nossa ignorância
Transmitindo a discriminação desde a infância
E o que as crianças aprendem brincando
É nada mais nada menos do que a estupidez se propagando
Qualquer tipo de racismo não se justifica
Ninguém explica
Precisamos da lavagem cerebral pra acabar com esse lixo que é uma herança cultural
Todo mundo é racista mas não sabe a razão
Então eu digo meu irmão
Seja do povão ou da "elite"
Não participe
Pois como eu já disse racismo é burrice

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Como eu já disse racismo é burrice
Como eu já disse racismo é burrice
Como eu já disse racismo é burrice
Como eu já disse racismo é burrice
E se você é mais um burro
Não me leve a mal
É hora de fazer uma lavagem cerebral
Mas isso é compromisso seu
Eu nem vou me meter
Quem vai lavar a sua mente não sou eu
É você.